



Processamento da variação linguística: desafios para integrar aquisição, diversidade e compreensão em um modelo de língua

Processing linguistic variation: challenges of building a comprehensive model for acquisition, diversity and comprehension

Raquel Freitag

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe / Brasil

rkofreitag@academico.ufs.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

Marije Soto

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

marijesoto@letras.ufrj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4232-265X>

Resumo: O processamento da variação linguística é um campo de interface que envolve a sociolinguística, a psicolinguística e as ciências neurocognitivas. Com o objetivo de contribuir para a descrição de como se dá o processamento e a aquisição de input variável considerando as pressões dos efeitos sociais, este dossiê temático reúne 14 estudos que apresentam contribuições em perspectiva descritiva observacional e experimental de fenômenos variáveis morfossintáticos, como concordância, flexão de gênero, imperativo gramatical e orações relativas, bem como de fenômenos no nível da consciência social e de ideologias linguísticas relacionados ao tabu, preconceito e atitudes em relação a línguas. Os resultados dos estudos apontam caminhos que ampliam as abordagens teórico-metodológicas até então envolvidas, especialmente as relacionadas ao modo de conciliar o controle exigido em pesquisa experimental com o paradoxo do observador da sociolinguística, mas ainda esbarram nas limitações decorrentes da tecnologia disponível e do entendimento de um modelo de língua que envolva diversidade e estrutura.

Palavras-chave: processamento de variedade linguística, percepção de variedade, psicolinguística, sociolinguística

Abstract: The study of the processing of linguistic variation is an interdisciplinary enterprise involving sociolinguistics, psycholinguistics and cognitive neuroscience. In

order to contribute to descriptive and explanatory accounts regarding the processing and acquisition of variable input, considering the effects of external social pressure, this thematic volume presents 14 papers. The studies contribute to observational and experimental approaches exploring a variety of topics: morphosyntactic phenomena, such as verbal and nominal agreement, grammatical gender inflection, grammatical imperative and relative clauses, as well phenomena at the level of social conscience and linguistic ideologies regarding taboo, prejudice and attitudes towards, especially, minority languages. The results of these studies show the way to broaden existing methodological-theoretic approaches, especially those that seek to reconcile the strictly controlled nature of experimental paradigms and stimuli with the observer's paradox as defined by sociolinguistics. This endeavor is complex and requires overcoming technological limitations and the current difficulty of theoretical models in dealing with language variability and structure.

Keywords: processing of language variation, language regard, psicolinguistics, sociolinguistics

Recebido em 09 de junho de 2023.

Aceito em 29 de junho de 2023.

1 Introdução

O conhecimento de senso comum, em grande parte amparado em uma tradição gramatical que elege uma forma como a única e legítima, concebe a língua como um sistema de regras unívocas, uniformes e universais. Evocando questões de clareza da comunicação e economia, as regras da língua são assumidas como unívocas porque para cada palavra ou estrutura da língua existiria um único significado, e vice-versa; uniformes, porque os significados e as estruturas seriam sempre os mesmos, em todos os contextos; e universais, porque seriam compartilhados por todas as pessoas de uma comunidade linguística.

O desenvolvimento da ciência linguística desfaz as assunções de senso comum. A abordagem sociolinguística centra-se na premissa da “heterogeneidade ordenada” da língua (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1968), com a variação incluída tanto na competência sociolinguística de cada falante como na gramática da comunidade de fala. Em sua agenda, a sociolinguística tem se dedicado a estudos que

descrevem padrões de variação e mudança de elementos da gramática de uma língua, a partir da manifestação de superfície: como os elementos se comportam e quais associações entre padrões ou por efeito de condicionadores, em geral estratificados como externos e internos, sociais e linguísticos. Assume-se a natureza probabilística do sistema, implementada por meio de regras variáveis (SANKOFF; LABOV, 1979), em que a frequência relativa prevista de funcionamento de uma regra faz parte da sua descrição estrutural.

Dentro do que se costuma tratar como condicionador interno, linguístico, é possível ainda distinguir entre níveis linguísticos estruturais no nível micro, como classe de palavra ou tamanho do item, no nível macro (tipo do texto, gênero textual), e aquilo que Tamminga *et al.* (2016) chamam de condicionamento psicológico. Esses aspectos são relacionados aos efeitos cognitivos do processamento, como, por exemplo, o *priming* (que subjaz, entre outros, o tipo de efeito que Scherre e Naro (1991) denominam de “paralelismo formal”).

Se do ponto de vista científico, temos um corpo de evidências robustas que descrevem a regra variável de construções como nós pega o peixe, no cenário sociolinguístico brasileiro, que conta com mais de 40 anos de tradição em pesquisa, a educação linguística para a sociedade ainda é falha. Por conta de uma construção como a exemplificada, presente em um livro didático para a educação de jovens e adultos, no ano de 2011, as manchetes “MEC defende que aluno não precisa seguir algumas regras da gramática para falar de forma correta” <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2011/05/mec-defende-que-aluno-nao-precisa-seguir-algumas-regras-da-gramatica-para-falar-de-forma-correta.html>> ou “MEC distribui livro que aceita erros de português” <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/mec-distribui-livro-que-aceita-erros-de-portugues-2789040>> ecoaram na sociedade.¹ Dez anos depois, no ápice de uma pandemia que ceifou a vida de mais 700.000 brasileiros, em meio ao isolamento social que resultou no fechamento

¹ Conhecido como “episódio do livro didático”, vários ensaios abordaram a questão do ponto de vista linguístico à época, explicando a naturalidade do fenômeno do ponto de vista sociolinguístico, o alinhamento às diretrizes educacionais, preconizadas dez anos antes pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, e a falta de uma educação para a diversidade linguística na sociedade, evidenciando a importância de ações de popularização da sociolinguística.

de escolas, parlamentares brasileiros não estavam preocupados com proposições de leis para mitigar os efeitos na aprendizagem, e sim em propor projetos de lei que proibem o uso ou punem quem use marcas não binárias de referência a gênero (FREITAG, 2022).

Esses dois fatos são ilustrativos não só de que há necessidade de ações de educação e de popularização da linguística, mas também de que existe um campo ainda a ser estudado que traz para esse debate as evidências empíricas quanto à dimensão cognitiva de aquisição e do processamento de regras variáveis a fim de finalmente desmistificar a noção de suposta homogeneidade do conhecimento linguístico.

Ao embarcar nessa empreitada dentro da perspectiva psicolinguística, Marcilese (2022) sugere uma diferença entre variação no processamento e processamento da variação: pessoas diferentes, com características diferentes, teriam características psicológicas e comportamentais humanas diferentes, mas ainda assim poderiam ser subsumidas a universais inatos, enquanto o processamento da variação demandaria custos cognitivos configurados pelo contexto, de forma que medidas comportamentais, como tempo de processamento de uma variante, podem variar em função da familiaridade de um dado falante com aquela forma/aquele uso, por exemplo.

O grande desafio é provar esses preceitos empiricamente: isso requer desenhar novos modelos capazes de integrar com as múltiplas dimensões sociais, linguísticas, psicológicas e neurológicas envolvidas, bem como o desenvolvimento de novos paradigmas experimentais, métodos de coleta e análise de dados. Nas últimas décadas, as áreas de sociolinguística, psicolinguística e neurociência cognitiva têm contribuído nesse sentido, cada uma partindo dos saberes particulares, resultando em uma fertilização mútua interdisciplinar (cf. POEPPPEL; EMBICK, 2005). A sociolinguística variacionista tem se estabelecido metodologicamente com estratégias de coleta e análise de dados com foco na produção, com dados autênticos ou elicitados de pessoas falando em uma dada comunidade de fala, e na percepção, com dados obtidos de modo indireto, por meio de tarefas como o *self-report* ou reações subjetivas, por exemplo. Ampliando o escopo de abordagens, para o que Preston (2017) denomina de *language regard*, estão envolvidos outros aspectos que adentram ao que ocorre com o falante enquanto está imerso na situação de uso da língua no que diz respeito à variação. Enquanto estudos de variação e mudança objetivam descrever padrões de uso de

uma variedade em termos de regras e gramática, *language regard* é um conjunto de estratégias para desvelar o conhecimento que as pessoas têm sobre as variedades e o modo como isso as afeta, assim como a autopercepção acerca de seus usos e as ideologias e atitudes subjacentes a eles na comunidade. Para saber como as pessoas pensam, a linguística *folk* tem se consolidado como um campo da sociolinguística que mobiliza tarefas como a de dialetologia perceptual, em que pessoas identificam variedades em mapas, os relatos populares, tais como comentários induzidos (como os coletados em entrevistas sociolinguísticas) ou espontâneos (como nas reportagens ilustradas anteriormente); e, juntamente com a abordagem da linguística antropológica, que tem contribuído para o desvelamento das ideologias linguísticas por meio de observação nas comunidades e o campo experimental, em interface com a psicologia social da linguagem, envolvendo desde estudos de reações subjetivas e eliciamento, num nível mais consciente, até nos julgamentos de falsos pares, com tarefa encoberta, o objetivo é tentar entender como as pessoas lidam com a informação linguística e não linguística ao mesmo tempo. Essa perspectiva redireciona o estudo sociolinguístico para facetas psico e neurológicas do processamento linguístico.

Nas últimas décadas, avanços da neurociência cognitiva têm permitido investigar o curso temporal do processamento de variação linguística, principalmente com a técnica de Potenciais Relacionados a Eventos (ERPs), que consiste na análise de sinais neurofisiológicos capturados com Eletroencefalografia (EEG) em resposta a eventos cognitivos, como estímulos linguísticos. Seguindo essa lógica temporal, estudos de ERPs com foco no processamento perceptual-sensorial de variantes fonéticas têm mostrado que já nos primeiros 200 milissegundos após a apresentação de palavras faladas, participantes são sensíveis a diferenças no grau de familiaridade entre variantes (GOSLIN; DUFFY; FLOCCIA, 2012) ou ao contexto fonético em que variantes ocorrem (SILVA; ROTHE-NEVES, 2020). É também nesse estágio que pode ocorrer uma carga cognitiva maior que parece refletir um esforço adaptativo da forma que o processamento semântico de palavras foneticamente variantes, na janela temporal posterior, entre 300 e 500ms, já ocorre de forma a neutralizar variações (GOSLIN; DUFFY; FLOCCIA, 2012). Por outro lado, é também neste momento, que podem ser flagradas interações entre o processamento linguístico e as pistas sociais inferidas a partir de qualidades fonéticas. De modo geral,

os estudos evidenciam menor esforço cognitivo quando as qualidades semânticas e/ou morfofonológicas das palavras e sentenças apresentadas estão alinhadas à expectativa gerada a partir do perfil social do falante: por exemplo, uma sentença como *Eu bebo vinho com o jantar toda noite* é inesperada de uma voz infantil (BERKUM, 2008), e a variante da marca do gerúndio [in] no inglês norte-americano pode ser mais esperada se a voz carrega claramente o dialeto sulista (LOUDERMILK, 2015).

Mas mesmo que a metodologia neurofisiológica permita revelar claramente os reflexos de um processamento da variação nos estágios iniciais e inconscientes, os estudos de processamento de fenômenos morfossintáticos mostram que dificilmente é possível atribuir uma interpretação unificada aos mecanismos cognitivos subjacentes. Um estudo apresentando duas variantes de concordância verbal da 3ª pessoa do singular em inglês norte-americano evidenciou sensibilidade no processamento para o grupo monodialetal, mas apenas a partir de 600ms – um momento geralmente associado à reanálise e aos processos mais conscientes. Para o grupo bidialetal (inglês afroamericano e inglês padrão), que foi o grupo que apresentou maiores índices de aceitabilidade para as variantes em questão em um teste complementar, não houve nenhuma diferença entre as respostas neurofisiológicas (GARCIA *et al.*, 2022). Já o estudo de Loudermilk (2015) encontrou menor sensibilidade à distinção entre variantes morfofonológicas padrão e não-padrão ([iŋ] vs. [in] para a marca de gerúndio) no grupo com maior índice de atitudes linguísticas estereotipadas (i.e., que associam variantes não-padrão a estereótipos negativos). Ou seja, em um estudo, a relativa baixa aceitabilidade da variante parece correlacionar com um maior esforço cognitivo para o processamento da variante não padrão, enquanto no outro, o grupo com atitudes linguísticas mais conservadoras não apresentou diferença no processamento de variantes. Uma possível interpretação sugerida pelos autores é que atitudes negativas bloqueariam processamento mais profundo. Por outro lado, é possível que aspectos como saliência da variante ou variações metodológicas afetem o nível de percepção de maneira complexa. Um estudo norte-americano de Zaharchuk *et al.* (2021) parece apontar para isso ao flagrar sensibilidade mais precoce, entre 200 e 400ms, e mais tardia, entre 500 e 900ms, a uma variante morfossintática de duplo modal comum para o dialeto regional sulista de menor prestígio (ex. *She said she might could have done better*),

em dois grupos de participantes (aqueles familiar e não familiar com a variante), independente de grau de aceitabilidade

Por um lado, esses estudos não têm deixado dúvida em relação às dimensões psicológica e neurológica do processamento da variação linguística, e mostram uma dinamicidade de troca de informações de vários níveis e tipos. Ou seja, a ideia de um processamento *default* linguístico, que abstrai modulações de forma, e que só nos estágios posteriores integra pistas “mais complexas” contextuais sociais (sobre interlocutores, estilo, intencionalidade) não parece compatível com as evidências empíricas. Porém, parece, sim, haver uma hierarquia temporal, em que familiaridade e frequência são os preditores mais fortes da sensibilidade inicial a variações fonéticas e prosódicas, enquanto atitudes linguísticas (aquelas que constituem as crenças sobre usos linguísticos, por exemplo) são mais correlacionadas com processos mais tardios.

Esse panorama se articula bem com a visão de que a percepção linguística se divide em níveis de consciência por meio de processos cognitivos distintos, a saber: perceber, reconhecer e compreender – conforme tradução proposta por Freitag (2020) dos termos *perceiving*, *noticing* e *understanding*, como na proposta de Squires (2016) e Drager e Kirtley (2016). Para destrinchar quais mecanismos subjazem a esses processos e como atuam no processamento de variação, bem como qual o nível de consciência determinadas variantes engajam e por quê, é importante que diferentes métodos sejam aplicados de modo complementar. Tradicionalmente, a psicolinguística tem dividido as medidas de comportamento em categorias *online* e *offline*, sendo a primeira uma reflexão de processos que atuam no momento de processamento do dado linguístico, enquanto a segunda reflete processos posteriores a esse processamento. Assim, um teste de julgamento de aceitabilidade (*offline*) pode seguir uma tarefa de leitura automonitorada (*offline*). Porém, com o entendimento de desdobramentos de níveis cognitivos envolvidos no processamento de variação, podemos reinterpretar as medidas *online* e *offline* de acordo com uma nova perspectiva: medidas *offline* capturam, mais provavelmente, efeitos de *noticing* e *understanding*; enquanto medidas *online* podem capturar modulações de *perceiving* e *noticing*. Além de aproveitar o aparato técnico que permite a coleta de diversos tipos de respostas comportamentais como tempos de leitura ou escuta, acurácia, seleção, tempos de fixação e regressão de olhares, a psicolinguística contribui com um leque de paradigmas

experimentais e tarefas destinadas a explorar – de maneira implícita – os fenômenos cognitivos reveladores do processamento e representação linguística. Vários efeitos estabelecidos na literatura permitem sondar o processamento. Por exemplo, o efeito de *priming* (o efeito facilitador da apresentação de uma forma linguística sobre a ativação de um estímulo apresentado logo em seguida) foi aproveitado por Tamminga (2016) para investigar o fenômeno de persistência abstrata (a tendência de repetir uma variante recentemente usada na fala) no caso de variantes como *workin'* e *ol'* (vs. *working* e *old*) no inglês estadunidense. O efeito de *filled gap* (preenchimento inesperado com material linguístico em uma posição de dependência estrutural à distância) foi eliciado por Augusto *et al.* (2020) para examinar o processamento de pronomes resumptivos em orações relativas de objeto em PB. E o efeito de habituação (o engajamento cognitivo reduzido ou facilitado devido à repetição de um determinado estímulo) foi empregado para estudar aquisição de variantes fonéticas em bebês no inglês australiano (KITAMURA *et al.*, 2013). Elementar às correlações estabelecidas entre comportamento e funcionamento cognitivo é a noção de carga cognitiva: tempos mais rápidos ou maiores índices de acurácia indicam facilitação, ou do contrário, tempos mais lentos e menor acurácia, inibição ou dificuldade. O custo ou facilitação, por sua vez, refletiria um status representacional maior ou menor, ou a ingerência ou não de processos cognitivos como monitoramento, controle, memória, atenção, complexidade estrutural, etc. (MAIA, 2015; MARCILESE, 2022; SOTO; ALMEIDA, 2021; TAMMINGA *et al.*, 2016.).

Neste dossiê, por exemplo, o estudo de Almeida mostra, em uma tarefa de julgamento de aceitabilidade, que seus participantes se dividiram em dois grupos, um mais tolerante e outro com maior rejeição quanto ao padrão não redundante da concordância verbal. Contudo, o comportamento dos grupos em termos de percepção foi igual: em uma tarefa de leitura automonitorada, medidas mais *online* de tempos de leitura maiores para essa variante mostraram o maior custo na percepção, enquanto o efeito de *priming* (i.e., uma redução paulatina desse custo a partir da repetição da forma não redundante) foi interpretado como reflexo do status gramatical dessa variante. Esse exemplo serve de ilustração de como o arsenal de paradigmas experimentais diversos, prática da psicolinguística, aliado a uma caracterização profunda do fenômeno variante, bem como a conceituação da interpretação do valor

social das formas linguísticas, advindas da literatura sociolinguística, poderiam contribuir para a formulação de um modelo cognitivo viável do processamento da variação capaz de explicar de que maneira os níveis de percepção se desdobram e se influenciam no tempo real do processamento, além de prever como aspectos linguísticos e extralinguísticos se integram com componentes cognitivos relevantes.

Nessa direção, uma interface com a sociolinguística pode possibilitar a expansão da compreensão do processamento. A dimensão probabilística do sistema linguístico, com abordagens baseadas em frequências, é uma premissa compartilhada por ambas as áreas. Mas, enquanto a sociolinguística busca situações autênticas de uso, o rigor experimental da psicolinguística, em princípio, impõe restrições que reduzem a espontaneidade e a autenticidade das situações envolvidas, o que tem demandado das pesquisas que se aventuram nessa interface esforços para garantir situações experimentais ecologicamente corretas.

Ainda no campo das aproximações, a sociolinguística, quando associada a uma perspectiva cognitiva-funcional, não necessariamente problematiza os eixos representação-processamento, por assumir que o conhecimento linguístico se constitui de rotinas de processamento já consolidadas. No entanto, ao observar as pistas de superfície, como a frequência de uso de uma variante ou o seu grau de saliência, as abordagens sociolinguísticas adicionam um componente extra ao estudo do processamento, que é o efeito da dinâmica social, adicionando como variável os efeitos ecológicos ao processamento.

Assim como os efeitos de *priming*, controlados via paralelismo formal, a própria frequência dos itens é um parâmetro de processamento. Do mesmo modo, a saliência, controlada em alguns fenômenos variáveis em escalas, torna-se outra pista de processamento em estudos de produção linguística. Os estudos de interface entre a sociolinguística e a psicolinguística partem, inicialmente, de interesses de convergência, em especial para lidar com o que a sociolinguística trata como percepção, envolvendo os níveis de consciência da variação, a sua relação com a gramática e interfaces cognitivas, sociais e emocionais, mas podem ampliar seu escopo para questões teóricas sobre o que é percepção e o que é processamento, bem como podem contribuir para o aprimoramento dos estudos de produção sociolinguística.

Em suma, em tempos de avanços tecnológicos e de modelos integrativos, a interface das abordagens busca, em sentido mais amplo, a descrição de modelo cognitivo viável de processamento, incluindo

fatores contextuais. Os avanços das áreas que estudam a variação e o processamento, individualmente, dão pistas de que essa interface se faz necessária para ampliar a compreensão do fenômeno da linguagem em um nível mais amplo. No entanto, o desafio de implementar empiricamente esse tipo de abordagem ainda esbarra em barreiras metodológicas e dificuldades de articulação teórica. Talvez estejamos em um momento “bóson de Higgs” da linguística: somos capazes de visualizar e teorizar sobre esse tipo de interface, mas ainda não temos recursos para executar a demonstração, em função das restrições teóricas e metodológicas. A proposta deste dossiê é reunir contribuições que possam dar um pequeno passo rumo à demonstração do processamento da variação linguística.

Neste volume, reunimos 14 artigos que se detêm sobre o tema processamento da variação linguística. As contribuições desses estudos ao campo de interface ampliam o arcabouço de medidas e desenhos experimentais, bem como lançam perspectivas de novas frentes de abordagem.

2 Medidas exploradas no processamento (e métodos/paradigmas experimentais)

Para o estudo do processamento da variação linguística, a literatura aponta já um conjunto de métodos diversificados, mais tradicionais, como a medida de tempo de leitura e de resposta, a precisão e frequência das formas de uso (ZUNINO; STETIE, 2021) em tarefas de julgamento de aceitabilidade e compreensão oracional (OLIVEIRA; LOPES; CARVALHO, 2016; ZUNINO; STETIE, 2022; ZUNINO, 2023), leitura automonitorada (OLIVEIRA, 2020; SQUIRES, 2016), percepção (ARAUJO; SENE, 2023; MENDES, 2019; SENE, 2022;), reações subjetivas no nível morfossintático (ARAUJO; MENDONÇA; 2019; BERLINCK; BRANDÃO; SENE, 2020; GOMES; SILVA; ABREU, 2022; MENDONÇA; ARAUJO, 2019) e no nível fonológico (ARAUJO; BORGES, 2018; MENDONÇA; BORGES, 2019), produção eliciada (AMARAL; GOMES, 2022; GOMES; MANOEL, 2010; MELO; GOMES, 2019), leitura em voz alta (FREITAG, 2020b, 2021; MACHADO; FREITAG, 2019,), monitor sociolinguístico (FREITAG, 2020a). Outros métodos envolvem recursos tecnológicos mais avançados e específicos, tais como teste de leitura e rastreamento ocular (ALVES, 2017; OLIVEIRA, 2020), mapeamento de expressões faciais (FREITAG,

et al. 2020) e dilatação da pupila (FREITAG, *et al.*, 2021). Essa lista não é exaustiva; porém, independentemente do método utilizado, o mais importante é conciliar as premissas de cada uma das áreas e constituir um desenho experimental consistente e ecologicamente correto.

O desenho experimental para estudos de processamento da variação linguística não é tarefa simples, pois envolve, em princípio, um paradoxo que é decorrente das premissas das áreas envolvidas: a autenticidade dos dados da sociolinguística e o controle experimental da psicolinguística. Equacionar em uma tarefa experimental esses dois fatores requer engenhosidade para produzir situações ecologicamente corretas, que minimizem as influências intervenientes, mas, ao mesmo tempo, garantam a autenticidade e espontaneidade da participação. Gomes e Melo, em artigo publicado neste volume intitulado **Processamento da variação sociolinguística: considerações sobre questões teóricas e metodológicas para a pesquisa experimental**, apresentam um panorama de métodos e abordagens identificados em diversos estudos experimentais. Em linhas gerais, estudos de processamento da variação têm se valido da frequência de recorrência de um dado fenômeno, aliado a uma medida de esforço, como o tempo de reação à resposta, ou a uma medida de reação subjetiva com escalas de julgamento.

3 Processamento morfossintático: percepção ou compreensão

Uma questão importante no campo do processamento da variação linguística é a dimensão cognitiva mobilizada para lidar com o fato: falantes percebem variantes ou é acionado o mecanismo da compreensão? Estudos sociolinguísticos costumam denominar estudos que lidam com o dado empírico produzido por falantes como estudos de produção linguística, e estudos que consideram reações subjetivas face a fenômenos variáveis são denominados de estudos de percepção. No campo dos estudos sociofonéticos, a percepção é bem estabelecida e parece fazer sentido no modelo de língua e nível de análise do traço que são característicos dessa interface; o mesmo não se pode dizer quando o traço variável em observação expande o limite da fonologia. Traços morfossintáticos, a variação de pronomes como *nós* e *a gente*, ou *tu* e *você*, são percebidos ou são compreendidos? Essa discussão não costuma ser levantada nos estudos ditos de produção. Os resultados de estudos que compõem este dossiê e que tiveram como foco variáveis morfossintáticas podem contribuir para ampliar o entendimento desta questão.

No português brasileiro, o estudo da concordância tem se mostrado bastante produtivo. Desde a década de 1970, tanto a variação da concordância verbal quanto a nominal tem sido objeto de estudos sociolinguísticos (ARAUJO; FREITAG, 2021; BRAGA, 1977; LEMLE; NARO, 1977; MENDES; OUSHIRO, 2015; OUSHIRO; GUY, 2015; SCHERRE, 1978; VIEIRA, 2015). Mais recentemente, a psicolinguística tem se debruçado sobre o impacto das variantes no processamento e na aquisição do português brasileiro. Assim, ampliou-se a visão sobre esse fenômeno, distanciando-se de uma perspectiva que delega esse assunto quase que exclusivamente a questões de desempenho (como é o caso de “erro de atração” para dependências estruturais à longa distância, por exemplo (RODRIGUES; CORRÊA; AUGUSTO, 2008)). Neste volume, no seu artigo **Aquisição da linguagem, variação linguística e desenvolvimento sociolinguístico**, Marcilese, Name, Azalim e Molina discutem como o desenvolvimento sociolinguístico de crianças se dá quando há variantes de concordância nominal e verbal nos dados primários. A partir de uma série de estudos psicolinguísticos pioneiros desse grupo (AZALIN *et al.*, 2018; AZALIM; MARCILESE; ARMELIN, 2020; MARCILESE *et al.*, 2017; MARCILESE *et al.*, 2019; MOLINA; MARCILESE; NAME, 2017;), elas analisam que a relação entre a presença de variação no insumo e a produção da mesma pelas crianças não é linear, destacando a influência de escola e seu efeito normativizador, além da identidade do interlocutor. Ademais, elas mostram como os métodos de coleta e dinâmicas de interação influenciam a variante observada, do modo que a variante não redundante foi mais frequente quando a criança interage com outra criança do que com adulto, e em mais em contextos naturalísticos do que em contextos experimentais avaliativos, por exemplo.

Os estudos de Almeida e de Scher e Sampaio, neste volume, também abordam a variação na concordância, sendo a primeira na compreensão, e a segunda na produção. Em **Não chame de erro o que a linguística chama variação: processamento de variação linguística de agramaticalidade no âmbito da concordância verbal variável**, Almeida aplica um experimento de leitura automonitorada a participantes universitários cariocas. Pela ocorrência múltipla de verbos na 3ª pessoa do plural, o autor investiga se há efeitos de *priming* que afetam variantes redundantes e não redundantes de maneira distinta de uma condição que apresenta concordância agramatical. Os resultados sugerem que,

independentemente da avaliação da aceitabilidade de cada variante dos participantes, os custos de processamento da concordância não redundante são amenizados por efeitos de *priming*, aproximando-se à concordância redundante, enquanto a condição agramatical requer um esforço cognitivo maior. Dessa forma, o estudo mostra a importância de comparar como diferentes níveis de processamento, de percepção a reconhecimento de variantes, já que refletem aspectos cognitivos sutilmente distintos. O estudo de Scher e Sampaio neste volume, **O processamento da concordância não redundante no português brasileiro**, inclui concordância verbal e nominal ao apresentar a participantes universitários sentenças curtas em que as marcas morfológicas de plural explícitas podiam estar presentes em todos os elementos de sujeito (determinante e substantivo) e pseudoverbo, ou apenas no determinante. A tarefa de repetir o estímulo ouvido resultou em uma tendência levemente maior de participantes modificarem sentenças com concordância não redundante para uma concordância do tipo redundante, principalmente no âmbito do substantivo, o que aparentemente não gerou um tempo adicional de processamento. Os autores ainda fazem algumas reflexões valiosas sobre questões metodológicas ao questionar os efeitos de uma tarefa de repetição eliciada, que mistura processos de compreensão (do estímulo a ser repetido) com produção; também comentam como uso de pseudopalavras pode engajar processos estratégicos específicos, o que poderia deixar em dúvida o quanto o comportamento observado (por exemplo, a maior preferência de modificar o substantivo comparado ao verbo) pode ser generalizado para o uso real.

Na sociolinguística, tem sido argumentado que variáveis morfossintáticas são menos perceptíveis como marcadores sociais em comparação às fonético-fonológicas (ECKERT; LABOV, 2017). Alguns estudos apresentados neste volume se dedicam a ampliar o entendimento sobre como a saliência de certas variantes morfossintáticas, e como elas são percebidas pelos usuários em níveis de consciência diferentes. Em **Falantes (não) têm consciência da variação morfossintática**, Siqueira, neste volume, apresenta aos participantes sentenças escritas contendo estruturas com e sem presença de artigo definido em dois contextos sintáticos, antes de pronomes possessivos (o ~ Ø nosso carro) e antes de antropônimos (o ~ Ø Pedro). O objetivo do estudo era verificar se falantes de diversas regiões do Brasil eram afetados pela presença das variantes na tarefa de detectar se duas sentenças apresentadas uma após a

outra eram iguais ou diferentes. O resultado mostrou que os participantes gastaram mais tempo nos pares de sentenças diferentes, o que indica que os diferentes padrões afetaram em algum nível o processamento. Porém, os participantes nem sempre eram bem sucedidos em detectar a diferença, o que sugere que nem sempre a presença de variante é percebida em um nível mais consciente. Ademais, o contexto de antropônimos mostrou um contraste maior entre pares de sentenças iguais e diferentes, o que sugere que esse contexto é mais saliente e, conseqüentemente, mais percebido pelos falantes, independente do fator geográfico.

Esse achado evidencia que a presença de variantes na gramática internalizada de falantes se manifesta em reflexos no processamento, os quais não necessariamente se traduzem em uma consciência social ou até metaconhecimento sobre essas variantes ou vice-versa. No caso do estudo de Siqueira, bem como aqueles mencionados anteriormente, a tarefa experimental explícita (i.e., detectar diferenças entre sentenças) diverge do objetivo implícito (i.e., verificar percepção da variante morfossintática) a fim de trazer esses níveis de processamento à tona. Além disso, destaca-se a necessidade de investigar se os fatores linguísticos e sociais que se mostraram descritivamente relevantes são os mesmos fatores que impactam o processamento cognitivo da variabilidade, e caso sim, de que modo. Para tanto, é essencial ampliar métodos experimentais e o entendimento pleno de o que exatamente uma determinada configuração experimental (tarefa, estímulos, procedimentos, etc.) pode revelar sobre os processos cognitivos subjacentes e os níveis e natureza de conhecimento envolvidos.

Neste sentido, o estudo publicado neste volume, **A realização de artigo feminino diante de antropônimo masculino: uma análise sociolinguística sobre o sentimento de inclusão de universitários recifenses**, de Pereira e Silva, investiga desdobramentos do mesmo fenômeno quanto às atitudes linguísticas em relação ao uso de artigo antes de antropônimos, adicionando uma variante emergindo recentemente: a combinação do artigo definido feminino diante um antropônimo masculino (*a João*). Definindo as atitudes linguísticas como “qualquer índice cognitivo ou comportamental de reações avaliativas em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes” (RYAN; GILES; SEBASTIAN, 1982, p. 7), os autores coletaram julgamentos de dois grupos universitários, pertencentes ou não à comunidade LLGBT+, numa escala de Likert, sobre a sensação de inclusão que suscita a forma do tipo *a João* perante as outras variantes (\emptyset *João*, *o João*). O

resultado mostra como a avaliação do valor social de inclusão da forma emergente é determinada pelo pertencimento ao grupo LLGBT+. No entanto, os grupos não distinguem nesse quesito entre as variantes do tipo \emptyset *João* ~ *o João*, o que parece confirmar a relativa pouca saliência no processamento dessas variantes evidenciada pelo estudo de Siqueira também incluído neste volume. Outro estudo neste volume que aborda os efeitos morfossintáticos e como são percebidos de modo diferente a depender dos perfis sociolinguísticos dos usuários é aquele apresentado em **Diversidad de género y variación lingüística en el español de América: procesamiento de estereotipos y morfología de género en Argentina y Chile**, de Stetie, Rebolledo e Zunino que, para além das questões de processamento, apresentam um panorama bastante elucidativo da linguagem inclusiva em geral, em especial no espanhol.

A emergência de marcas não binárias de gênero em prol de uma linguagem inclusiva tem sido um fenômeno translinguístico, com diferentes manifestações, em diferentes línguas. Stetie, Rebolledo e Zunino ampliam a discussão para avaliar o efeito de diferentes comunidades linguísticas de uma mesma língua, no caso o espanhol. No espanhol, o morfema não binário [-e] tem sido a forma mais produtiva, embora outras formas com a mesma função também ocorram, como -@, -x e -i. No cenário sul-americano, Chile e Argentina são os países onde estas formas estão mais difundidas; ainda, Argentina conta com materiais didáticos e manuais institucionais para o uso de linguagem inclusiva de gênero. Apesar disso, a recorrência das formas na linguagem usual ainda é bastante restrita e limitada para um estudo observacional, o que leva as autoras a proporem um estudo experimental com uma tarefa de leitura para avaliar o processamento da marca não binária. O tempo de resposta na tarefa foi considerado como variável, apontando para diferentes padrões de desempenho entre as duas comunidades linguísticas. Os resultados são interpretados com cautela pelas autoras: a diferença entre as duas comunidades linguísticas aponta para a importância de se considerar a variação dialetal em estudos psicolinguísticos, na direção do processamento da variação linguística que estamos defendendo neste volume. Por outro lado, Stetie, Rebolledo e Zunino destacam que os diferentes padrões de leitura poderiam ser explicados por processos encaixados, como a semântica lexical ou integração semântica no nível da frase. Mas, independentemente das limitações identificadas na tarefa experimental, o resultado mais importante é que, empiricamente, a forma

não binária [-e] parece funcionar como um genérico e não sobrecarrega o processamento em falantes de espanhol da Argentina e do Chile. Esse é um argumento importante para a discussão sobre a emergência de marcas não binárias de gênero em outras línguas e em outras comunidades linguísticas, como no Brasil (retomamos este ponto mais à frente, quando tratarmos de atitudes e ideologias linguísticas).

Na sociolinguística, a influência do contato linguístico sobre a emergência de variantes linguísticas é bem documentada, desde o estudo pioneiro de Sankoff e Brown (1976) no tok-pisin. No entanto, o estudo de Augusto e Orlando neste volume, intitulado **Aceitabilidade e produção de preposições órfãs em orações relativas no português brasileiro: comparando falantes de PB e bilíngues português-inglês** mostra que inclusive o contato com língua adicional no contexto de instrução formal pode favorecer a aceitabilidade de variantes linguísticas inovadoras na língua materna. Isso é o caso da preposição órfã em orações relativas (*Este é o filme que o diretor falou sobre*) que no PB é uma variante não padrão, enquanto no inglês é a padrão. Os resultados de uma tarefa de julgamento de aceitabilidade com escala *Likert* indicaram que o grupo de universitários cariocas cursando a habilitação Língua Inglesa do curso de Letras acolhe mais sentenças com essa variante no PB comparado ao grupo com pouco ou nenhum contato com a língua inglesa. Porém, essa aceitabilidade interage com características do uso no PB que permitem essa estrutura com um conjunto restrito de preposições, mais propensas ao isolamento, a saber, aquelas que não se fundem com marcas morfológicas de gênero e número (*sobre, com vs. da/o(s), na/o(s)*). Ou seja, são justamente aquelas variantes presentes no PB que eliciam maior aceitabilidade. Contudo, não houve diferença entre grupos na tarefa de produção eliciada, em que ambos produziram preposições órfãs, quase que exclusivamente com preposições mais propensas ao isolamento (nesse caso, com taxa maior de 50%). Por um lado, esse estudo mostra que a influência interlinguística nesse caso se restringe a um efeito de atitude perante a variante, sem efetuar modificações evidentes no uso; por outro lado, atitudes de maior aceitabilidade são catalisadores para a consolidação de mudanças linguísticas. Ainda, considerando o prestígio social associado à língua inglesa, de modo geral, isso pode gerar atitudes positivas em relação a essa variante não padrão no PB, aumentando a probabilidade do seu uso ao longo prazo neste grupo. Um complemento futuro desse estudo poderia ser a comparação entre os dois grupos quanto à compreensão dessa variante com medidas mais

implícitas e mais *online*. De forma mais ampla, esse estudo aponta para o potencial das medidas de processamento (de compreensão e produção), refletindo custo cognitivo ou índice de produtividade, por exemplo, como possíveis preditores de mudança linguística.

Os resultados desses estudos trazem evidências de que, no nível morfossintático, os processos cognitivos flagrados não parecem ser do nível de percepção, e sim, de compreensão, dado que o processamento do traço morfossintático mobiliza interação com outros níveis da gramática e por vezes desencadeia mudanças encaixadas. Encaixadas também são as variáveis externas que influenciam no processamento; para além das categorizações sociais que caracterizam identidade de falantes, o contexto também interfere no modo como variantes são processadas; neste dossiê, dois estudos mobilizam recursos multimodais para o estudo do processamento da variação linguística.

4 Multimodalidade envolvida no processamento: dados ecologicamente corretos

Gomes e Melo, neste volume, evocam o “princípio de causas múltiplas” de Young e Bayley (1996), que reconhece que diversas são as variáveis contextuais que interagem na realização de um fenômeno linguístico variável, de tal modo que é improvável que uma única variável seja o bastante para explicar a variabilidade dos dados. O reconhecimento da variabilidade contrasta com a limitação metodológica, que impõe uma seleção de variáveis para serem testadas e controladas. Esse é um paradoxo já reconhecido na sociolinguística, e que se torna um desafio ainda maior nas abordagens experimentais, tais como as que se referem as que são objeto de estudos sobre o processamento da variação linguística.

Mesmo nos estudos observacionais, a abordagem sociolinguística costuma restringir variáveis: em fenômenos variáveis no nível morfossintático, por exemplo, raras são as variáveis controladas que saem do limite textual, deixando de lado, por exemplo, a prosódia. Na resolução de ambiguidades em sentenças, pistas como o acento e pausa podem auxiliar no processo de desambiguação; é o que mostram Almeida, Oliveira Jr. e Cozijn (2021) ao estudar o efeito destas pistas na resolução de ambiguidade global em sentenças do tipo SN1 - V - SN2 - Advérbio de lugar - Advérbio de intensidade (bastante) - Atributo (*O guitarrista recebeu o baterista no quarto bastante drogado*). A inclusão

de informações para além da pista textual é a proposta de Cardoso em **Speech, hand and facial gestures: a proposal of a multimodal approach to describe negative structures with não in Brazilian Portuguese**, neste volume. A negação sentencial no português brasileiro, com as realizações pré-verbal, pós-verbal e dupla negação, tem sido tratada, por um lado, como um caso de regra variável, considerando as pistas decorrentes dos padrões associados ao comportamento de cada variante quanto a variáveis estruturais (FURTADO DA CUNHA, 2001, entre outros), enquanto outras abordagens consideram aspectos pragmáticos do fluxo informacional e preservação de faces (SCHWENTER, 2005, entre outros). Cardoso, neste volume, propõe adicionar mais um nível de variáveis à expressão da negação sentencial no português brasileiro, com o controle de recursos corporificados: os gestos manuais e faciais. Recursos corporificados não são objetos de manipulação consciente e contribuem para a construção do sentido na interação, com papel gramatical, como defendem Freitag, Cruz e Nascimento (2020). Na interação, os recursos corporificados constroem sequências, que marcam a alternância de turnos. Assim, recursos corporificados são utilizados para a construção de turnos, e para a construção de unidades maiores, e essas estruturas têm funcionamento gramatical emergente dentro dos fluxos multimodais de interação.

Com essa proposta, o processamento da variação linguística se aproxima mais da realidade ecológica dos dados autênticos, demandando, por outro lado, um rigor metodológico ainda maior, tanto na seleção e categorização dos dados, como no tratamento estatístico, com uma proposta de análise multinível (FREITAG; CARDOSO; TEJADA, 2022).

A busca pela inclusão de mais variáveis, análise multinível na produção, precisa de contraparte nos estudos experimentais. Na construção de situações experimentais ecologicamente consistentes, Tesch e Farias, em **A percepção sobre as formas de imperativo a partir dos quadrinhos da Turma da Mônica Jovem e Chico Bento Moço**, valem-se de uma estratégia engenhosa: construir situações para tarefas experimentais com histórias em quadrinhos. Certos fenômenos variáveis são relativamente difíceis de serem obtidos de maneira espontânea, mesmo com grandes volumes de dados. Formas morfossintáticas mais raras, geralmente, demandam estratégias metodológicas diferenciadas para serem obtidas de modo espontâneo e autêntico, mesmo em estudos de produção sociolinguística. Quadrinhos vêm sendo utilizados como

uma fonte de dados para estudos de produção sociolinguística, inclusive para o fenômeno em estudo pelas autoras, a variação no imperativo (SCHERRE, 2004). Do ponto de vista da percepção, Tesch e Farias estudam a variação no imperativo com um instrumento multimodal, construído com excertos das histórias em quadrinhos *Turma da Mônica Jovem* e *Chico Bento Moço*, o que garante mais contexto ao participante, além de simular uma situação mais verossímil do que o julgamento de frases soltas e sem contexto. Mais, a construção da situação de uso avaliada pelos participantes da tarefa envolve não só a seleção entre morfologia de indicativo e de subjuntivo para expressar o imperativo, mas todos os demais traços manipulados para a construção da personagem Chico Bento, por exemplo, com seus traços fonológicos variáveis e estigmatizados que são representados na escrita.

Embora o estudo de Tesch e Faria tenha como objetivo tratar da percepção da variação linguística das formas indicativas e subjuntivas na expressão do imperativo no português brasileiro (na seção anterior levantamos a discussão sobre aderência de percepção ou de compreensão para níveis para além da fonologia), podemos prospectar desdobramentos decorrentes dos resultados. As autoras constataram maior associação da forma indicativa às personagens apresentadas nos recortes das histórias em quadrinhos, e também em relação às formas empregadas no dia a dia pelos participantes em uma tarefa de *self-reporting*. Os resultados seguem a tendência identificada em estudos observacionais das frequências, de que a forma do indicativo é mais frequente. Os resultados também mostram os efeitos dos condicionamentos linguísticos, discursivos, sociais e pragmáticos já constatados em estudos de produção atuando na mesma direção no estudo proposto, o que pode, ao mesmo tempo que sugere a estabilidade dos condicionamentos no fenômeno, sugerir também a validade ecológica da tarefa experimental. Por outro lado, participantes, de modo geral, não demonstraram consciência quanto à variação no uso entre a forma indicativa e subjuntiva em orações com o imperativo, e, dentre aqueles que demonstraram, associaram a forma subjuntiva à ordem mais grosseira, incisiva e formal, enquanto a indicativa, a pedido e informalidade. Tais resultados sinalizam a necessidade de desenvolvimento de mais instrumentos ecologicamente consistentes para outros estudos, atrelados ao *self-reporting*.²

² Neste estudo, o tratamento estatístico foi apenas descritivo; uma análise inferencial e multivariada poderia ampliar o poder explanatório do fenômeno.

5 Tabu como contexto saliente

O controle do tempo de reação é uma medida online indireta associada à carga de esforço cognitivo e atenção, funcionando como uma pista atencional do processamento nas abordagens da psicolinguística. Em estudos de natureza experimental na sociolinguística, essa medida tem sido incluída, em especial nas tarefas de associação implícita (CAMPBELL-KIBLER, 2012; D'ONOFRIO, 2018), ou em testes de julgamento (CASASANTO, 2009; FREITAG et al., 2020, 2021; FREITAG, 2020a; LEVON; BUCHSTALLER; MEARNS, 2020). As variantes com maior distância em relação ao padrão que é esperado em determinada situação costumam apresentar maior demanda de tempo de resposta. Uma das intercorrências nos estudos que consideram o tempo de resposta como medida na variação linguística é a caracterização do que é e não é esperado no contexto, na direção do que temos salientado quanto à importância de dados ecologicamente consistentes.

Um campo potencialmente interessante para se testar o efeito do tempo de reação nas respostas é o das palavras tabus ou dos palavrões. Palavras tabu são mais memoráveis e complexas de processar, e são percebidas como ofensivas e socialmente inapropriadas. Nessa direção, **Uma análise psico e sociolinguística das propriedades dimensionais das palavras tabu no português carioca**, de Silva-Nasser, neste volume, avança significativamente ao investigar, quanto às dimensões afetivas, o que diferencia o processamento de palavras tabu de outras palavras emocionais, constituindo uma base de referência quanto às atitudes. Em estudo com jovens universitários, Silva-Nasser testou o efeito de gênero, religiosidade, costume de uso, tolerância a palavrão na família e propensão à ofensa na percepção de palavras tabu entre o grupo. Na primeira etapa, o estudo teve como objetivo estabelecer os parâmetros de julgamento dos itens quanto ao tipo de palavra (positiva, neutra, negativa, tabu). Na segunda etapa, foi testado o efeito das características psicossociais sobre os julgamentos sobre as palavras tabu.

A religiosidade foi um fator importante na percepção de palavrões, com pessoas mais religiosas apresentando menor probabilidade de usá-los. Além disso, a influência da tolerância da família foi observada, com menor tolerância correlacionando-se com julgamentos de menor uso e familiaridade. A autora conclui que a percepção de palavra tabu é um fenômeno multidimensional que deve ser considerado tanto do ponto

de vista sociolinguístico quanto psico e neurolinguístico. Os resultados quanto ao processamento das palavras tabu podem servir de valor de base para medidas de tempo de reação em contextos de maior monitoramento.

Enquanto Silva-Nasser toma palavrões como objeto para uma abordagem experimental e acessando o inconsciente coletivo de uma comunidade de fala, Menezes, em artigo neste volume intitulado **Consciência sociolinguística no uso de palavrões em uma obra literária**, segue uma abordagem observacional, acessando o inconsciente individual, ao analisar o uso de palavrões em duas versões de uma mesma obra literária, uma versão manuscrita do autor e a versão publicada. Além da frequência de uso dos palavrões nas duas versões da obra refletindo o grau de monitoramento, com significativa diminuição e/ou retirada de palavrões na versão publicada da obra, substituindo-os por lexias menos estigmatizadas, sugerindo a busca por uma polidez linguística para se aproximar do público leitor. Menezes também busca apoio na abordagem de *language regard*, ao observar os comentários metalinguísticos do autor na sua obra, com juízos valorativos de estigma acerca do uso de palavrões nos diálogos das personagens, evidenciando sua consciência sociolinguística. Os resultados deste estudo contribuem para a ampliação metodológica dos estudos sobre o processamento da variação linguística, evidenciando que efeitos do monitoramento linguístico podem ser observados não só em corpora orais, mas também no texto literário, como evidenciado por Menezes, e também na estratégia experimental proposta por Tesch e Farias com o uso de quadrinhos para a construção de instrumentos de julgamento linguístico de variantes.

6 Atitudes, ideologias e o processamento

No escopo do *language regard* (PRESTON, 2017), contribuições de abordagens que seguem antropologia linguística permitem ampliar a compreensão do processamento da variação linguística, na medida em que as atitudes e as crenças sobre a língua não são isoladas ou estanque, mas sim reflexo de ideologias padronizadas e sistemáticas compartilhadas em culturas e em comunidades de fala. Podemos observar essa abordagem em dois estudos que compõem este dossiê, um sobre línguas sinalizadas e outro sobre estrangeirismos, além dos resultados do estudo de Stetie, Rebolledo e Zunino.

Como vimos, a forma não binária [-e] não sobrecarrega o processamento para falantes de espanhol da Argentina e do Chile. Stetie, Rebolledo e Zunino explicam que as diferenças quanto às duas variedades de espanhol estão ligadas às estratégias de linguagem (não) inclusivas de gênero usadas em cada comunidades, já que o uso de formas não binárias como estratégia de linguagem inclusiva de gênero parece ser bastante difundido na Argentina, mas não tanto no Chile. As autoras destacam a existência de materiais na Argentina, e guias institucionais para o uso, o que não ocorre no Chile. A circulação de ideologias por meio de políticas declaradas em prol de linguagem inclusiva, tais como na Argentina, tem um efeito normatizador que interfere no uso; por outro lado, também pode estimular o efeito contrário, com a proposição de instrumentos contrários e punitivos ao uso, cenário semelhante ao que ocorre no Brasil, em que as formas de expressão de não binarismo são alvos de projetos de lei que visam a proibição do uso e a punição dos usuários (FREITAG, 2022). Não há, como atestam Stetie, Rebolledo e Zunino, evidência empírica de que a forma [-e] prejudique a compreensão; no entanto, a base da argumentação da propositura desses projetos de lei é a dificuldade de compreensão e os prejuízos às pessoas menos escolarizadas. Esse argumento é o mesmo que reverbera em ações contrárias aos estrangeirismos.

Em **Ideologias subjacentes aos estrangeirismos e a consciência sociolinguística**, Faria, neste volume, investiga as ideologias linguísticas subjacentes à percepção dos estrangeirismos no Brasil, por meio de um estudo de tratamento societal, tendo como amostra produções multimodais que circulam em redes sociais brasileiras. Este estudo é particularmente interessante para demonstrar as forças sociais atuando na conformação da consciência sociolinguística coletiva da comunidade de fala. Estrangeirismos são vistos, em manuais e gramáticas mais conservadores, como vícios de linguagem e erros a serem corrigidos. Essas lições gramaticais, ainda que não encontrem subsídios em políticas educacionais, reverberam no imaginário popular ciclicamente, por meio de ideologias voltadas para o purismo da língua.

Faria evidencia a ciclicidade das ideologias puristas por meio de iniciativas de intervenções políticas sobre a língua, como o Projeto de Lei 1676/1999 que visava proibir os estrangeirismos, em especial os anglicismos, com a justificativa de que eles apresentavam uma ameaça à identidade nacional e eram lesivos à língua. Dez anos depois, outra iniciativa semelhante, dessa vez em âmbito estadual, foi o Projeto de Lei

156/2009, que obrigava a tradução de qualquer expressão estrangeira que possuísse equivalente em língua portuguesa no estado do Rio Grande do Sul. A temática dos estrangeirismos segue inspirando iniciativas legislativas, recentemente, com o Projeto de Lei 5632/2020, que objetiva proibir nomear empresas brasileiras com expressões em língua estrangeira com a justificativa de que o nome estrangeiro pode causar constrangimentos. Assim como a matéria sobre o livro didático de língua portuguesa que tratava da variação na concordância, esses os projetos de lei tiveram grande repercussão social, chamando a atenção para a natureza ambivalente dos estrangeirismos, ao dividir opiniões: de um lado estavam aqueles que não viam problema na presença dos estrangeirismos, do outro, os que achavam a iniciativa dos PL mais do que necessária. Em seu estudo, Faria identificou ideologias linguísticas comuns nos materiais analisados em relação ao uso de estrangeirismos anglófonos. A análise das regularidades pode ajudar a entender a relação dos falantes com a língua e sua consciência sociolinguística. O fato de falantes conseguirem diferenciar entre empréstimos e termos vernaculares e rotulá-los como estrangeirismos é uma prova de sua consciência sociolinguística, que é demonstrada através de julgamentos sociais. Quando falantes optam pelo uso de estrangeirismos em vez de itens vernaculares, eles sinalizam reconhecer que os significados sociais e estilísticos são diferentes, sugerindo não só que falantes têm consciência das formas variáveis da língua, mas também que reconhecem que essas formas estão associadas a contextos e significados sociais específicos.

O padrão identificado nas ideologias associadas aos estrangeirismos anglófonos que circulam nas redes sociais brasileiras, de certo modo, é identificado também em outras línguas e regiões; é o caso das atitudes e ideologias linguísticas das pessoas surdas que utilizam a língua de sinais espanhola (LSE) e a percepção e reconhecimento da existência de variação nesta língua.

Dois extremos: o contraste entre língua oral e língua sinalizada, e a existência de variação na língua sinalizada. Se a existência de variação linguística em uma língua oral ainda não é bem avaliada socialmente, tal como no exemplo sobre o livro didático que apresentamos no início deste texto, é de supor que, em línguas sinalizadas não seja diferente, possivelmente agravada pelo status mais frágil de línguas minoritárias. É o que identificam Bao Fente e Báez Montero, em **Actitudes y políticas lingüísticas en la Lengua de Signos Española: creencias de**

las personas sordas ante la variación en su lengua, publicado neste volume. Buscando acessar por meio de instrumento de julgamento de atitudes qual variedade de língua consideram mais correta, como valorizam a influência da língua oral de contato e como percebem as mudanças e variações linguísticas, as autoras constatam que, apesar das características sociolinguísticas especiais da LSE (não oral, associada à deficiência e ágrafa), essa língua não deixa de sofrer preconceitos linguísticos comuns a línguas oficiais minoritárias e minorizadas.

Na busca por dados ecologicamente corretos, a mobilização do contexto mais amplo, no nível da comunidade, contribui para a construção de um panorama do *language regard*; nesse sentido, amplia a compreensão do processamento da variação linguística, ao desvelar o conhecimento individual das variedades quanto aos usos e as ideologias e atitudes subjacentes a eles na comunidade, como demonstram os estudos apresentados anteriormente e que constituem este dossiê.

7 Rumos nos estudos do processamento da variação linguística

As pesquisas no campo do processamento da variação linguística têm se valido da expansão ao acesso a tecnologias que permitem obter medidas online de processamento, de modo cada vez menos invasivo, como é o caso do uso de *eye-tracker*, ou de modo cada vez mais preciso, como eletroencefalografia, tal como demonstrado por Gomes e Melo neste volume. Também neste volume, o estudo de Cardoso propondo a articulação de gestos faciais e manuais às variáveis controladas para o comportamento da negação verbal, em uma análise multinível, tem potencial para ampliar ainda mais o repertório de procedimentos de estudo do processamento da variação linguística. Outras possibilidades podem ser vislumbradas: Silva, Carvalho e Oliveira Jr (2022) destacam o potencial do uso de bioassinais da eletroencefalografia e eletromiografia para o estudo do processamento linguístico, embora, até então, as respostas neurofisiológicas da eletroencefalografia e eletromiografia de superfície na fala interna tenham sido aferidas apenas do ponto de vista biológico; ainda, evidenciam a potencialidade de interface com teorias linguísticas. Estudos de neuroimagem, como os que se utilizam da técnica de Imagem por Ressonância Magnética Funcional (fMRI), são promissores no seu poder de mapear a arquitetura funcional no cérebro quanto ao processamento de variação. Ademais,

são ferramentas interessantes para detalhar o engajamento de sistemas neuronais conhecidos nas facetas afetivas e sociais do processamento sociolinguístico, como ressaltam Soto e Almeida (2021).

Os avanços tecnológicos potencializam as contribuições em novas abordagens que demandam modelos matemáticos e análises quantitativas inferenciais para além do que tradicionalmente a sociolinguística tem adotado como prática, com o modelo de regras variáveis proposto por Cedegren e Sankoff (1979), ou as análises de variância adotadas na psicolinguística.³ Alguns estudos adotam modelos lineares paramétricos com efeitos mistos, como apresentam Almeida e para dados ordinais, no caso de julgamento em escala de Likert, como é o caso dos estudos de Silva-Nasser e Augusto e Orlando, neste volume. Nesses estudos sobre o processamento, a variável dependente é um dado paramétrico que permite verificar a reação dos falantes às variantes, tais como o tempo de reação na resposta, como apresentado por Almeida para a exposição às variantes padrão e não padrão da concordância, ou o grau de aceitabilidade de sentenças, como apresentam Augusto e Orlando no estudo de orações relativas. Esse estudo ainda conta com uma análise por modelo linear generalizado da família de regressão logística ao analisar a produção de forma binária (com ou sem preposição órfã), mais semelhante ao que costuma ser o padrão da variável dependente em estudos sociolinguísticos, na qual a variável é configurada em termos de realização ou não realização da regra, também gerando modelos de regressão logística. Ainda, a variável dependente pode ser medida de maneiras múltiplas, demandando análises de correlação, tais como a apresentada por Silva-Nasser no estudo sobre palavrões. Esse aspecto é importante de ser observado, pois a construção do modelo de análise de problemas relacionados ao processamento da variação em uma dimensão quantitativa requer uma diversidade de métodos que vai além do modelo de regressão logística implementado pelo Varbrul, ou de análises de variância com efeitos fixos, como as de anova, sem considerar os efeitos da dimensão social dos participantes das amostras. Além disso, muitos estudos ainda restringem seu escopo à estatística descritiva, o que impede generalizações, e reforça a necessidade de discussão a respeito de métodos e modelos de tratamento de dados neste campo de interface.

³ Para discussões sobre esse assunto, remetemos aos trabalhos de Lo e Andrews (2015), Endresen e Janda (2016) e Godoy e Nunes (2020).

Por fim, destacamos a importância dos resultados dos estudos neste campo, com potencial de aplicação em diferentes esferas do debate social. Os mais de 40 anos de pesquisa sobre os padrões de concordância variável no português brasileiro não foram o suficientes ainda para desmistificar a cultura de certo e errado, que reverberou (e ainda reverbera) no discurso jornalístico criticando um livro didático; estudos que mostram como as pessoas entendem e processam a variação linguística, nos diferentes níveis da gramática, podem contribuir para aplicações no ensino de modo mais efetivo, promovendo uma educação linguística para a diversidade e o respeito. As aplicações pedagógicas, seja no suporte para o aprendizado inicial da leitura (FREITAG, 2020b, 2021; MACHADO; FREITAG, 2019) ou no tratamento da diversidade linguística e respeito às variedades (ARAUJO; JESUS, 2018), alinhem-se aos direitos de aprendizagem da Base Nacional Curricular Comum.

Discussões sobre a emergência de marcas de gênero não binário, como as apresentadas neste volume por Stetie, Rebolledo e Zunino, e Pereira e Silva, são corpo de evidência para dar suporte às políticas públicas de inclusão de gênero. Em um cenário em que pipocam projetos de lei criminalizando ou proibindo o uso de marcas não-binárias de gênero, por exemplo, resultados empíricos sobre a percepção da população sobre o fenômeno, no campo das ideologias linguísticas, articulados a resultados sobre o processamento cognitivo das variantes, podem ajudar na construção de políticas públicas sobre gênero, tal como tem sido proposto para o fenômeno na Argentina (ZUNINO; DVOSKIN, 2022). Também no campo da saúde, o estudo do processamento da variação linguística se torna crucial para subsídio ao diagnóstico de situações neurodiversas como afasia e dislexia, separando o patológico do variável na língua (CAMIZ et al., 2015; SENNA; GOMES, 2017). Do mesmo modo, a relação da variação linguística com os custos de processamento e esforço pode ser utilizada em aplicações para a prática forense, agregando informações mais precisas na discriminação de variedades às tarefas de comparação de locutores (BRESCANCINI; GONÇALVES, 2020).

Como esperamos ter demonstrado, a compreensão do processamento da variação linguística, com a articulação das contribuições da sociolinguística (tradição e um corpo grande de trabalhos de descrição e compreensão da complexidade de linguagem enquanto fenômeno variável) e psicolinguística (casamento de investigação de linguagem

com métodos experimentais; maior foco em caracterizar processos cognitivos atuantes no momento da compreensão e produção) tem repercussão social, contribuindo para a educação linguística da sociedade e desmistificando ideologias baseadas em pseudociência e preconceitos, assim como o seu estudo permite novos desenvolvimentos nas áreas de interface, ampliando as fronteiras de um campo de conhecimento científico relativamente recente e inédito.

Referências

ALMEIDA, R.; OLIVEIRA Jr. M; COZIIN, R. A influência da prosódia da fala na resolução de ambiguidade sintática: um estudo de processamento de sentença. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 63, n. 00, p. e021004-e021004, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v63i00.8660603>

ALVES, M. Agreement effects of gender and number in pronominal coreference processing in Brazilian Portuguese. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1327-1366, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1327-1366>” <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1327-1366>.

AMARAL, T.; GOMES, C. Processamento, representação e variação do plural das palavras terminadas em ditongo oral decrescente do PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 906-931. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.2.906-931>” <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.2.906-931>

ARAÚJO, A. S.; MENDONÇA, J. J. Atitudes linguísticas de universitários em relação às formas pronominais a gente e tu. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, n. especial, p. 128-144, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5585>” <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5585>

ARAÚJO, A. S.; BORGES, D. K. V. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, n. especial, p. 97-113, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5569>” <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5569>

ARAÚJO, A. S.; JESUS, E. A. B. Sociolinguística e ensino: avaliação e atitude linguística no contexto escolar. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, v. 29, n. 1, p. 87-107, 2018

ARAUJO, K. J.; SENE, M. G. A avaliação social dos cuiabanos e várzea-grandenses: design de um experimento sociolinguístico sobre o uso variável do rotacismo de /l/ em ataque complexo. In: SOARES, E. P. M.; SANTOS, D. A.; PAZ, F. H. S.; SILVA, T. S. (org.). *Descrição, Análise e Ensino de Línguas*. Rio Branco: Nepan Editora, 2023. p. 51-58.

ARAUJO, S.; FREITAG, R. Concordância verbal, difusão da mudança linguística no contínuo rural-urbano e mudança em curto espaço de tempo. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 266-294, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2021.e76094>

AUGUSTO, M.; SOTO, M.; SENA, N. de; BERNARDES, J. Resumptivos em relativas de objeto direto: resultados de leitura automonitorada. *Revista Letras*, Curitiba, n. 101, pp. 114-143, jan-jul 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v101i0.72650>” <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v101i0.72650>

AZALIM, C.; MARCILESE, M.; NAME, M. C.; SCHER, L.; GONCALVES, L. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 513-545, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445030568083495931>” <http://dx.doi.org/10.1590/0102-445030568083495931>

AZALIM, C.; MARCILESE, M.; ARMELIN, P. Concordância nominal variável e saliência fônica na produção infantil: dados naturalísticos e experimentais. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 24, n. 1, p. 192-221, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30983>” <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2020.v24.30983>

BERKUM, J. Understanding sentences in context: What brain waves can tell us. *Current directions in psychological science*, Washington, v. 17, n. 6, p. 376-380, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00609.x>” <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2008.00609.x>

BERLINCK, R. A.; BRANDAO, S. M.; SENE, M. G. Desafios e caminhos na compreensão da variação sintática: design de um experimento de percepção. In: CARVALHO, C. S.; LOPES, N. S.; RODRIGUES, R. (orgs.). *Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces*. Salvador: EDUNEB, 2020, p. 23-52.

BRAGA, M. L. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. 1977. 88 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1977.

BRESCANCINI, C.; GONÇALVES, C. O peso da evidência sociofonética na perícia de Comparação de Locutor. In: BARBOSA, P (org.). *Análise fonético-forense em tarefa de comparação de locutor*. Campinas: Millennium Editora, 2020, p. 67-87.

CAMIZ, S; GOMES, G C.; SENNA F D.; GOMES, C A. Using exploratory analysis to select judges and create components of a naming test to study aphasia. *Discrete Applied Mathematics*, New Jersey, v. 197, n.00, p. 114-122, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.dam.2015.05.018>

CAMPBELL-KIBLER, K. The implicit association test and sociolinguistic meaning. *Lingua*, v. 122, n. 7, p. 753-763, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2012.01.002>” <http://dx.doi.org/10.1016/j.lingua.2012.01.002>

CASASANTO, L. How Do Listeners Represent Sociolinguistic Knowledge? In: PROCEEDINGS OF THE ANNUAL MEETING OF THE COGNITIVE SCIENCE SOCIETY, 31, 2009.

D’ONOFRIO, A. Controlled and automatic perceptions of a sociolinguistic marker. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 30, n. 2, p. 261-285, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S095439451800008X>

DRAGER, K; KIRTLEY, M. J. Awareness, salience, and stereotypes in exemplar-based models of speech production and perception. In: BABEL, A. (ed.). *Awareness and control in sociolinguistic research*, Cambridge, Cambridge University Press, 2016, p. 1-24.

ECKERT, P.; LABOV, W. Phonetics, phonology and social meaning. *Journal of sociolinguistics*, Cambridge, v. 21, n. 4, p. 467-496, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/josl.12244>

ENDRESEN, A.; JANDA, L. Five statistical models for Likert-type experimental data on acceptability judgments. *Journal of Research Design and Statistics in Linguistics and Communication Science*, Sheffield, v. 3, n. 2, p. 217-250, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1558/jrds.30822>

FREITAG, R. M. K. Conflito de normas e dominância de gênero. In: BARBOSA FILHO, F. R.; OTHERO, G. A. (org.). *Linguagem “neutra”:* *língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022, p. 53-72.

FREITAG, R. M. K. Effects of the linguistics processing: Palatals in Brazilian Portuguese and the sociolinguistic monitor. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, v. 25, n. 2, p. 4, 2020a.

FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 65, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-e13027>

FREITAG, R. M. K. Reparos na leitura em voz alta como pistas de consciência sociolinguística. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 1-22, 2020b. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-460x2020360206>

FREITAG, R. M. K., et al. Julgamento de traços linguísticos e expressões faciais. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 1-19, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.25189/2675-4916.2020.v1.n2.id15>

FREITAG, R. M. K., et al. Respostas emocionais da variação linguística: Análise exploratória de rastreamento ocular. In: *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana*. SBC, Porto Alegre, p. 398-408, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5753/stil.2021.17820>

FREITAG, R. M. K.; CRUZ, R. C. F.; DA CUNHA NASCIMENTO, T. A gramática no corpo: Dos recursos corporificados na construção e negociação dos sentidos. *Cadernos de Linguística*, Campinas, v. 2, n. 1, p. e354-e354, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n1.id354>

FREITAG, R.M. K.; CARDOSO, P. B.; TEJADA, J. Linguistic and paralinguistic constraints on the function of (eu) acho que as DM in Brazilian Portuguese: A multilevel approach. *Pragmatics & Cognition*, Amsterdã, v. 29, n. 2, p. 324-346, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/pc.21024.fre>

FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, p. 1-30, 2001.

GARCIA F. M.; SHEN, G.; AVERY, T.; GREEN, H. L.; GODOY, P.; KHAMIS, R.; FROUD, K. Bidialectal and monodialectal differences in morphosyntactic processing of AAE and MAE: Evidence from ERPs and

acceptability judgments. *J Commun Disord.* Philadelphia, Nov-Dec;100, 106267, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jcomdis.2022.106267>

GODOY, M. C.; NUNES, M. A. Uma comparação entre ANOVA e modelos lineares mistos para análise de dados de tempo de resposta. *Revista da ABRALIN*, Campinas, v. 19, n. 1, p. 1–23, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1388>

GOMES, C. A.; MANOEL, C. G. Flexão nominal na gramática da criança e na gramática do adulto. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 14, p. 122-134, 2010.

GOMES, C. A.; SILVA, L. F.; ABREU, A. C. B. Acessando a avaliação social das variantes do onset complexo na variedade carioca. (*Con*) *Textos Linguísticos*, Vitória, v. 16, p. 126-144, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v16i34.38567>

GOSLIN, J.; DUFFY, H.; FLOCCIA, C. An ERP investigation of regional and foreign accent processing. *Brain and language*, Amsterdã, v. 122, n. 2, p. 92-102, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.bandl.2012.04.017>

KITAMURA, C.; PANNETON, R.; BEST, C. T. The Development of Language Constancy: Attention to Native Versus Nonnative Accents. *Child Development*, Sidney, vol. 84, no. 5, p. 1686-700, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/cdev.12068>

LEMLE, M.; NARO, A. J. Competências básicas do português. *Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford*. Rio de Janeiro, 1977.

LEVON, E.; BUCHSTALLER, I.; MEARNNS, A. Towards an integrated model of perception: Linguistic architecture and the dynamics of sociolinguistic cognition. In: BEAMAN, K. V., et al. (ed.). *Advancing Sociogrammatical Variation and Change*. Oxfordshire: Routledge, 2020. p. 32-54.

LO, Stenson; ANDREWS, Sally. To transform or not to transform: using generalized linear mixed models to analyse reaction time data. *Frontiers in Psychology*, Lausanne, v.6, 1171, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01171>

LOPES, Célia Regina dos Santos; OLIVEIRA, Thiago Laurentino de; CARVALHO, Bruna Brasil Albuquerque de. A expressão da 2ª pessoa do singular: variação e percepção numa abordagem experimental. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 18, n. 2, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p117-132>

LOUDERMILK, Brandon C. Implicit attitudes and the perception of sociolinguistic variation. In: PRIKHODKINE, A.; PRESTON, D. R. (ed.). *Responses to language varieties: Variability, processes and outcomes*. Amsterdã: Jonh Benjamins, 2015, p. 137-156.

MACHADO, A. P. G.; FREITAG, R. M. K. Pistas dos processos de decodificação que levam à compreensão da leitura. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 54, n. 2, p. 132-145, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2019.2.32509>

MAIA, M. *Psicolinguística, psicolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015.

MARCILESE, M. Processamento da variação e variação no processamento. In: MAIA, M. (org.). *Psicolinguística: Diversidades, Interfaces e Aplicações*. São Paulo: Editora Contexto, 2022, v. 1, p. 142-157.

MARCILESE, M.; NAME, C.; AUGUSTO, M.; MOLINA, D.; ARMANDO, R. Mother-tongue education, linguistic variation and language processing. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 72, p. 17-40, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p17>

MARCILESE, M.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A.; HENRIQUE, K. S. Efeitos de distância linear e marcação no processamento da concordância verbal variável no PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, p. 1291-1325, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.25.3.1291-1325>

MELO, M. A. S. L.; GOMES, C. A. Percepção da variação da coda (s) na comunidade de fala do Rio de Janeiro: acessando o significado social da variante fricativa posterior. In: VIEIRA, M. S. M.; WIEDEMER, M. L. (org.). *Dimensões e Experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, 2019, p. 129-148.

MENDES, R. B. O efeito de múltiplas variáveis na percepção sociolinguística. *Guavira Letras*, Três Lagoas, v. 15, n. 31, p. 108-123, 2019.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. Variable number agreement in Brazilian Portuguese: an overview. *Language and Linguistics Compass*, Cambridge, n. 9, 358-368, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/lnc3.12156>

MENDONÇA, J. J.; ARAUJO, A. S. Evaluation of the pronouns “a gente” and “tu” and of the grammatical patterns of agreement. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 27, p. 1613-1648, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.4.1613-1648>

MENDONÇA, J. J.; BORGES, C. K. V. Percepção da palatalização do /S/ em coda: atitudes linguísticas de universitários. *Tabuleiro de Letras*, Salvador, v. 12, p. 114-127, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.35499/tl.v12i0.5570>

MOLINA, D. S. L.; MARCILESE, M.; NAME, M. C. Ora está, ora não está: input variável e aquisição da flexão verbal de 3ª pessoa do plural no PB. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 288-309, 2017. DOI: <https://doi.org/10.12957/matraga.2017.28498>

OLIVEIRA, T. L. O processamento dos clíticos te e lhe no português brasileiro: a contraparte cognitiva da variação. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 36, p. 89-106, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312X.20200016>

OUSHIRO, L.; GUY, G. R. The effect of salience on co-variation in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, n. 21, v. 2, Article 18, 2015.

PRESTON, D. R. The cognitive foundations of language regard. *Poznan Studies in Contemporary Linguistics*, Berlin, v. 53, n. 1, p. 17-42, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1515/psicl-2017-0002>

POEPEL, D.; EMBICK, D. The relation between linguistics and neuroscience. In: CUTTLER, A. (ed.) *Twenty-first century psycholinguistics: four cornerstones*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2005. p. 103–120.

RODRIGUES, E. D. S.; CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M. R.A. Concordância sujeito-verbo em um modelo integrado misto (top-down/bottom-up) da computação on-line. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 2, p. 76-91, 2008.

RYAN, E. B.; GILES, H.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: RYAN, E. B.; GILES, H. (ed.). *Attitudes towards language variation: Social and applied contexts*. Londres: Edward Arnold Publisher, 1982. p. 1-19.

SANKOFF, D.; LABOV, W. On the uses of variable rules. *Language in society*, Cambridge, v. 8, n. 2-3, p. 189-222, 1979. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312X.20200016>

SANKOFF, G.; BROWN, P. The origins of syntax in discourse: A case study of Tok Pisin relatives. *Language*, Washington, p. 631-666, 1976. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/412723>

SCHERRE, M. M. P. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em português*. 158 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Departamento de Letras. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1978.

SCHERRE, M. M. P. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança lingüística na escrita de revistas em quadrinhos. In: XV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 2004, Lisboa. *Actas...* Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, 2004, p. 817-829

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Marking in discourse: “Birds of a feather”. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 3, n. 1, p. 23-32, 1991. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0954394500000430>

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, Amsterdã, v. 115, n. 10, p. 1427-1456, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2004.06.006>

SENE, M. G. A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de/s/e do pitch **médio**. 214 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022.

SENNÁ, F. D.; GOMES, C. A. Acesso lexical na afasia. *Letrônica*, Porto Alegre, v.10, n.2, p.672-688, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2017.2.26421>

SILVA, D. M. R.; ROTHE-NEVES R. Context-dependent categorisation of vowels: a mismatch negativity study of positional neutralisation, *Language, Cognition and Neuroscience*, Londres, v. 35, n. 2, p. 163-178, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/23273798.2019.1638948>

SILVA, K. F. T.; CARVALHO, S.; OLIVEIRA Jr, M. A identificação da fala interna por meio da eletromiografia de superfície e da encefalografia: uma revisão de escopo. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 1314-1338, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.30.3.1314-1338>

SOTO, M.; ALMEIDA, W. C. Entre a agramaticalidade e a variação: concordância verbal, sociolinguística e neurociência da linguagem. *ReVEL*, Novo Hamburgo, v. 19, n. 36, p. 1-29, 2021.

SQUIRES, L. Processing grammatical differences: Perceiving versus noticing. BABEL, A. (ed.). *Awareness and control in sociolinguistic research*, Cambridge, Cambridge University Press, 2016, p. 80-103.

TAMMINGA, M. Persistence in phonological and morphological variation. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 28, n. 3, p.335–356, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0954394516000119>

TAMMINGA, M.; MACKENZIE, L.; EMBICK, D. The dynamics of variation in individuals. *Linguistic Variation*, Amsterdã, v. 16, n. 2, p. 300–336, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/lv.16.2.06tam>

VIEIRA, S. R. *A concordância verbal em variedades do português: a interface fonética-morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. Texas: University of Texas Press, 1968.

YOUNG, R.; BAYLEY, R. VARBRUL analysis for second language acquisition research. In: BAYLEY, R.; PRESTON, D. R. (ed.). *Second language acquisition and linguistic variation*. Amsterdã: John Benjamins, 1996, p. 253-306.

ZAHARCHUK, H.; SHEVLIN, A; VAN HELL J. Are our brains more prescriptive than our mouths? Experience with dialectal variation in syntax differentially impacts ERPs and behavior. *Brain Language*. v. 218, 2021 DOI: [10.1016/j.bandl.2021.104949](https://doi.org/10.1016/j.bandl.2021.104949).

ZUNINO, G. M. Comprender lo desconocido: expectativas, relaciones semánticas y causalidad por defecto revisitada. *Lenguaje*, Cali, v. 51, n. 1, p. 156-186, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.25100/lenguaje.v51i1.11951>

ZUNINO, G. M.; DVOSKIN, G. Tirándole (de) la lengua a la ESI: con la lengua sí nos metemos. In: BAEZ, J. (ed.). *Lengua y literatura em foco: ESI em la formación docente*. Homo Sapiens, 2021, p. 91-126.

ZUNINO, G; STETIE, N. ¿ Binario o no binario? Morfología de género en español: diferencias dependientes de la tarea. *Alfa: Revista de Lingüística*, São José do Rio Preto, v. 66, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e14546>

ZUNINO, G; STETIE, N. Procesamiento de formas no binarias en español rioplatense: relación entre el uso voluntario y la comprensión. *Hesperia: Anuario de filología hispánica*, Vigo, n. 24, p. 83-106, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.35869/hafh.v24i2.4115>